

## As Instâncias Sociais na Prática Psiquiátrica - Uma Questão Ética:

### Reflexões e Prática de um Projeto de Lar Abrigado

Artigo escrito por [Gina Ferreira](#), Psicóloga Especialista em Psiquiatria Social - ENSP - RJ.

O homem se relaciona com o mundo buscando uma integração baseada em três princípios que formam o seu cotidiano: a moradia, o trabalho e o lazer.

Primeiramente o espaço, um lugar de habitação como registro inicial de sua existência. Nos 15 brilhantes minutos iniciais do filme "Paris Texas", Wim Wenders mostra um personagem desenraizado do mundo e sem voz. Sem a palavra, sem a comunicação com o mundo, ele procura o chão em que foi concebido, quer um ponto de partida. Do reencontro com esse chão, ele parte para um contrato com a vida. Ontem, numa conversa informal, a fotógrafa Juliana Zucolotto me dizia: "*Preciso viajar, sair de casa para sair de mim mesma. Depois eu volto para casa, para reencontrar o meu eu.*" Habitar, morar, é enraizar-se, é reconhecer-se num espaço onde a sua singularidade é apropriada para viver a mais absoluta intimidade. Estar em casa é vivenciar a intimidade de seus afetos, sua relação com os objetos, seus afazeres, sua gente ou então sua solidão. Mas no entanto não basta. Estar no mundo, esta integralidade é um processo dinâmico, no qual o homem deve se perceber como um **eu transformador** que surge da atividade humana, produtiva, que transforma o mundo natural e social num mundo humano.

Essa atividade transformadora é uma *praxis* material e produtiva, que é parte necessária do trabalho humano. A relação homem x trabalho, a prática material, deve se transformar numa manifestação da consciência. Um trabalho onde o sujeito não se reconhece é um trabalho alienante. No entanto, é importante que a consciência abandone a singularidade presa à solidão de um desejo para ser reconhecida por uma outra consciência. O homem só satisfaz seu desejo quando um outro homem, o grupo, a sociedade, lhe reconhece o valor humano. O homem não pode buscar reconhecimento naquilo que ele não reconhece, naquilo que o desvaloriza. É nessa relação com o trabalho, na consciência da utilidade do seu produto, na relação de troca para a sua subsistência, que ele vai se situar no mundo descobrindo os pares dialéticos — de que tão bem fala Kosik — como: *Necessidade x Liberdade, Particular x Universal, Real x Ideal, Interior x Exterior.*

Esses dois princípios: moradia e trabalho, devem ainda ser conjugadas ao lazer, como uma terceira instância que faz ponte entre o homem e a cultura, importante para a formação da identidade. A formação da cultura de uma região está implicitamente ligada à maneira que o povo utiliza seus instantes de lazer. O lazer é um tempo em que o homem se livra de um cotidiano massacrante e descobre que o ócio é fundamental como princípio criador. Dizem que Deus criou o mundo do nada. Particularmente, posso dizer que Ele estava no mais absoluto ócio.

As exigências do mundo contemporâneo, com suas múltiplas e falsas realidades, fazem o homem perder a noção de importância fundamental dessas três instâncias em sua vida, alienando-o do mundo e, conseqüentemente, de si mesmo. Isto porque, nem sempre você tem a casa como um lugar de trocas afetivas, de lugar de intimidade. Portanto, esta casa pode ser um espaço alienado. Nem sempre você tem um trabalho que corresponda a sua essência, mas pode ter um trabalho que visa unicamente a eficácia na produção da riqueza. Este trabalho pode ser um trabalho alienado. Nem sempre você tem um lazer criativo, mas pode ter um lazer imposto pelos meios de comunicação, isto é, um lazer passivo, um lazer alienado.

Para as pessoas com transtornos mentais, tantas vezes excluído pela família, pela cultura e pela sociedade, é necessário que na prática psiquiátrica sejam reconstruídas essas três instâncias. Para tanto, deve ser reformulado o conceito de reabilitação, de modo a englobar, a um só tempo, um olhar ético, técnico e político.

Na construção dessa nova forma de reabilitação, cujo usuário deve ser o principal interlocutor, surge um outro contrato na compreensão da loucura, no qual é dado lugar, não mais para a doença, mas para a existência sofrida e suas diversidades. Espaço de circulação do afeto que reconstrói o cotidiano, incluindo as três instâncias (moradia, trabalho e lazer) como referências primordiais. Princípios que devem ser assegurados junto à comunidade, transformando valores e mentalidade da cultura instituída.

O Projeto Lar Abrigado do Instituto Philippe Pinel pretende buscar caminhos de saída para a clientela específica da psiquiatria, impossibilitada de reconstruir os laços afetivos dentro do seu núcleo familiar. O Projeto é dividido em duas etapas interligadas. A primeira, é composta de ações que dizem respeito à receptividade e desenvolvimento da assistência a este grupo de pacientes. A segunda desdobra nessas ações objetivando à "destinação" de moradia numa casa a ser cedida pelo Poder Público que possa acolher até 12 pessoas. Seria uma moradia provisória, mas sem um tempo cronológico: não um tempo administrativo, mas um tempo que obedeça à construção da autonomia de cada um e às suas possibilidades de subsistência.

Contribuindo para o processo de destritalização e descentralização do Município, o Lar Abrigado deverá situar-se na área programática 2.1 onde está situado o Pinel, e atender a população local. Desta forma, os moradores já estão sendo indicados por instituições e associações populares dessa área programática.

Enquanto a aquisição dessa casa tramita pelos corredores da burocracia (que no Serviço Público é sempre lenta e passiva), o projeto prossegue com a primeira etapa. Recebemos os primeiros usuários (a quem chamamos de futuros moradores do Lar), indicados pelo IPUB, IFB, moradores do Jardim Botânico, moradores da Rua Marquês de Abrantes, Coordenação de Residência do IPPinel e da Casa das Palmeiras. Quase todos já viveram nas ruas ou em hospitais psiquiátricos.

Após entrevista com um técnico da equipe, o paciente é recepcionado no "Porta de Entrada". Trata-se de um grupo operativo que funciona uma vez por semana, com a finalidade de dar esclarecimentos sobre as atividades que serão desenvolvidas no decorrer do projeto.

Durante a semana o grupo de pacientes é acompanhado pela equipe em ações variadas que preparem essa clientela para um contrato e o exercício de convivência em "Lar Abrigado". E nos fins de semana o grupo é incluído nas atividades de Lazer do Clube da Esquina do Instituto de Psiquiatria da UFRJ.

Fundamental neste grupo é trabalhar a relação com as três instâncias de moradia, trabalho e lazer interligadas. No entanto, não resta dúvida de que a tarefa mais difícil é trabalhar a idéia de espaço e casa-lar dentro de cada um, partindo da referência de espaço vivida por eles ao longo da vida; reconstruir o espaço que foi internalizado como ponto de partida para o contato com a vida e retorno para o recolhimento. Mesmo aquele que vive na rua, tem uma relação com o espaço no qual se fixou. Podemos notar que sai perambulando pelo bairro, pela cidade, mas volta para dormir no mesmo lugar. Esse lugar simboliza o seu lugar de origem, é ali que ele se reconhece.

Liana veio do interior do Espírito Santo, e foi trabalhar em casa de família, no Jardim Botânico. Queria ser mais que empregada, queria pertencer à família. Enlouqueceu, passando a viver na rua, próxima a TV Globo. Querendo ser atriz, dizia ser filha de um conhecido diretor de televisão. Assim, Liana abandonou a lógica de nossa cultura, para criar uma condição de auto-estima. Acolhida por um padre da região, dormia na Igreja. Passamos a nos aproximar dela cuidadosamente, oferecendo-lhe a participação no grupo do projeto. Aceitou enfim, freqüentar o grupo, e logo depois a TV Pinel lhe ofereceu a participação nas vinhetas. Liana já falava de seus pais biológicos, sua família, sua filha, e já levantava a hipótese de um dia ser auxiliar de enfermagem. No entanto, por questões administrativas da Igreja, não pode continuar a dormir naquele local. Embora tentássemos procurar uma vaga em pensões no centro da cidade ou na Glória (devido a quantia de que dispúnhamos), Liana não aceitou, e preferiu sair do projeto. Na verdade, entendíamos que não poderia multiplicar suas divisões e deixar mais um fragmento num lugar desconhecido. Retornou às ruas da Globo. Voltamos a procurá-la e... como "filha" de um renomado diretor de TV, nos revelou que não precisava de nada, que ia muito bem obrigada! Este caso ilustra a importância dos lares abrigados, que atendem à população de uma dada área, serem construídos nessa área.

Do reconhecimento do Espaço partimos para organizar a noção de casa e relações familiares. Todos nascem em algum lugar e de uma relação materna, conjugando uma família. Mesmo que essa relação seja desvirtuada no decorrer da vida, algum sentimento familiar se apresenta no interior de cada um. A casa não é um tijolo em cima do outro, mas um espaço preenchido pelas relações e suas tarefas cotidianas, que devem estar em harmonia com a vida. Casa-lar que algum dia envolveu relações familiares, e que foi deixando seus pedaços em cada calçada, em cada rua, ou em cada internação. Para tentarmos recompor estes fragmentos, tenta-se que o grupo junto com a equipe, faça o exercício de convivência de um suposto núcleo familiar. Para isso é necessário que a equipe mantenha relações e

tarefas integradas entre si, sem especificidades e referências particulares: todos podem fazer qualquer atividade, dar continuidade àquilo que o outro começou, o que torna a equipe um corpo unificado.

Buscar na casa — mesmo que ainda de forma abstrata — o espaço de relações que marca e delinea as relações com o mundo, trouxe à tona, em pleno grupo, a reflexão de um de nossos "moradores":

*"A casa é importante sim, agora eu já vejo. A rua me fez muito mal. Ficou tudo atmosférico. Não existiu mais o espaço, nem o tempo. NoiteDiaNoiteDiaNoite. Você perde o amanhecer e o anoitecer, o acordar e o dormir: Você perde a poética..."(sic).*

O grupo tem atividades em conjunto ou individuais, que partem de um espaço no interior do Instituto Philippe Pinel mas que se desenvolvem para além do Hospital. Assim, com exceção da massoterapia e da oficina de papel reciclado (que é realizada numa sala da assistência), saímos para o banho de mar, para as caminhadas na areia ou no caminho dos Bem-te-vis.

A Oficina de papel reciclado foi iniciada para inseri-los em algum trabalho criativo e começar aos poucos a organizar a relação com o trabalho. É monitorada por Carmem, professora de arte e educação. Os produtos realizados deverão ser expostos à venda em algumas lojas comerciais do bairro e o lucro revertido para o produtor. Sr. Joseph, freqüentador da oficina, questionou a "serventia" (como dizia) do produto confeccionado e achou que suas mãos estavam "afinando". Pediu cizal para fazer cestas e espanadores como antigamente realizava na Paraíba. "Isto todo mundo precisa", disse ele. Mostra-nos assim que sua experiência de trabalho deveria ser considerada e seu passado não pode ser anulado. Isto nos remete ao que dissemos no início do texto, sobre a necessidade do sujeito reconhecer-se no que faz.

Depois dessa experiência inicial, alguns moradores foram matriculados nos cursos profissionalizantes do Sol — Cooperativa de Artesanato. Na véspera do primeiro dia de aula, Beth mostrou-se resistente, chorosa, considerava difícil que alguém aceitasse um "paciente assim", segundo suas palavras, num curso comum, fora do hospital. Realizamos algumas reuniões com a direção do Sol, que preparou os professores para uma melhor receptividade, como de fato aconteceu.

Passamos a levá-los para cadastrá-los nos Postos de Saúde e acompanhá-los às consultas (clínico geral, ginecologista, pneumologista, geriatra etc.); ir juntos ao cartório e ao Félix Pacheco para acertar a documentação de identidade; ir à Cobal para familiarizar-se com a relação de mercado, como comprar e pagar; ir ao cinema no Estação Botafogo, no Espaço Unibanco em horário comercial, em grupo de dois ou três, em seguida, sentar numa pizzeria e discutir o filme; visitar o Espaço Hélio Oiticica; Ir à Bienal do Livro, escolher os livros que gostariam de ler, entrar na fila de autógrafos. Nessa atividade Beth comprou *O Carteiro e o Poeta*. E, a partir daí, passou a ler todos os dias, sublinhando as palavras com conceitos por ela ignorados. Deixou de ler as revistinhas femininas que lia antes. Disse-nos que agora queria ler "coisas mais sérias".

Este conjunto de atividades da primeira etapa é preparatória para experiência de moradia do Lar Abrigado, e representa assim, um exercício emancipador de forma a prepará-los para que possam considerar prescindíveis os serviços do hospital psiquiátrico.

Quando falamos em moradia, trabalho e lazer, estamos tentando falar de uma nova ética da assistência psiquiátrica, abrindo espaço para a consciência e permitindo que os considerados "doentes mentais" se relacionem com o mundo de forma mais digna.

## **BIBLIOGRAFIA**

VASQUES, Adolfo Sanchez. *Filosofia da Praxes*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1977.

KOSIK, Karel. *Dialética do Concreto*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1976.

